

A atitude de "Sol Nascente"

PERANTE UM CONFLITO

Torna-se necessário, por variadas circunstâncias, entre as quais avulta a do respeito pelo público, que «Sol Nascente» defina a sua posição em face do conflito que ora se trava, nas nossas colunas e nas da «Seara Nova», entre o sr. Abel Salazar e o sr. António Sérgio.

Para isso é necessário lembrar certos factos, de importância capital no desenrolar do conflito, de forma a que as coisas possam ser colocadas no seu verdadeiro lugar, e não haja erros, ou de malevolência ou de ligeireza de espírito, na justa apreciação deste caso importante.

Ficará a nossa atitude definida, duma maneira clara, e perfeitamente justificada, para que possa vêr-se o papel que neste caso desempenhamos e a porção de responsabilidade que, por êle, nos cabe.

Apareceu no n.º 20 de «Sol Nascente», na secção **Movimento Científico Português**, um artigo assinado com as iniciais A. S., da autoria do nosso colaborador Abel Salazar, no qual se comentava uma série de outros artigos publicados na revista «Seara Nova» sobre **Mecânica relativista e Mecânica clássica**, escritos pelo sr. Almirante Gago Coutinho.

Afirmamos, da melhor boa-vontade, que ao publicar-se o artigo de Abel Salazar não visávamos a uma atitude de «Sol Nascente» contra a «Seara Nova», seu grupo editor ou seus colaboradores. Verificámos o conteúdo das censuras feitas aos artigos do sr. Almirante Gago Coutinho, o tom realmente combativo nelas usado, as censuras que também estavam expressas contra o sr. António Sérgio, director da revista, e contra a própria «Seara Nova». Mas o fundo da questão nêle levantada, correspondia à verdade, como em seguida a própria «Seara Nova» o demonstrou com a aceitação do protesto do Núcleo de **Matemática, Física e Química**, contra os artigos do sr. Gago Coutinho, e com a inserção de artigos de réplica do sr. Prof. Rui Luís Gomes. Considerámos aquele **facto primordial** e a êle nos ativemos. Quanto às opiniões manifestadas sobre a «Seara Nova», deixámos que o nosso colaborador as expressasse—considerando que ela não teria o direito de supôr-se tabú e de não admitir que sobre a sua obra pudessem formular-se críticas no tom formulado.

Não houve da nossa parte a mínima má-vontade, o desejo de ferirmos o grupo editor da «Seara Nova» ou os seus colaboradores. Simplesmente admitimos que o sr. dr. Abel Salazar manifestasse a sua opinião livre, em questões de pormenor, num artigo em que fundamentalmente, duma maneira quasi geral, lhe foi dada razão.

Precisando as coisas desta forma, supomos que se acreditará na nossa maneira de ser sincera para que não se duvide das nossas intenções.

//

Em seguida, ao tom de censura

veemente usado pelo sr. dr. Abel Salazar, respondeu a «Seara Nova», duma forma violenta e agressiva, considerando que havia sido «anavalhada», numa manifestação de «baixo ódio» e de «desvario». Ora isto não correspondia à verdade; o que houve no artigo de «Sol Nascente» não foi «ódio», nem «desvarios», nem «anavalhamentos»; unicamente, simplesmente, veemência crítica. Não grosseiras manifestações de «infra-humanidade», mas tão-sómente declarações que se faziam com clareza, com firmeza, sem ambigüidades, nem disfarces. Era um critério, uma apreciação—que se rebata. Mas—sabêmo-lo—não era ódio, nem desvario, nem anavalhamento. E foi esta violência da «Seara Nova» que levou ao deflagrar da questão e ao seu desenvolvimento até ao ponto em que se encontra.

//

Admitimos facilmente uma reacção do dr. Abel Salazar contra as palavras que feriram a nobreza—que garantimos—das suas intenções e atribuíram propósitos baixos e mesquinhos às suas manifestações públicas. Dirigiu-se então o sr. Abel Salazar ao sr. António Sérgio, numas poucas palavras que, no nosso número 21, publicámos não sem profunda emoção—e com firmeza e perfeita consciência do que fizemos. Esse documento impressionante justificava a sua publicidade por si mesmo—e outra coisa não tínhamos a fazer senão admitir essa declaração e esperar que se seguisse uma exposição integral das afirmações feitas. Eis o nosso procedimento. Um esclarecimento total, integral, completo, decisivo, se impunha—e êle foi iniciado nas nossas colunas no número anterior. O sr. António Sérgio, propôs-se, no número 543 da «Seara Nova», o último até hoje aparecido, esclarecer a questão levantada sobre plágios. Com o maior encarecimento chamamos para êle a atenção dos nossos leitores, principalmente daquêles que queiram seguir o desenrolar desta questão com a maior imparcialidade e o melhor espírito de justiça.

//

Há uma atitude de Abel Salazar que constitue uma ética que «Sol Nascente» muito bem aceita. É aquela que despreza a convenção que leva a distinguir as verdades entre convenientes e inconvenientes. A verdade é uma—e, neste caso, assistamos com serenidade à verificação que dela se faça. A nossa atitude justifica-se por essa ideia—e só por ela.

Mas a admiração e estima que sentimos por Abel Salazar, não nos impedirá de ser serenos e imparciais—e de definir a nossa responsabilidade. Entenda-se: **Amicus Platus, sed magis amicus veritas.**

PELA SEGUNDA

Pela segunda vez, Sr. António Sérgio, deixêmo-nos de comédias: porque o seu artigo do N.º 543 da «Seara» é tartufismo completo: e tartufismo tipo Sérgio que é do pior. O «truc» é transparente e em nada honra a argúcia do Sr. Sérgio.

Não há crises históricas, nem espasmos de nervos, nem ódio, nem rancores; mas a inquebrantável firmeza de quem, tendo-se convencido de que o Sr. Sérgio é um comediante e um «bluff», lho diz e lho prova, certo porém de que nunca o Sr. Sérgio o compreenderá, porque, como já lhe disse, o Sr. Sérgio é a primeira vítima da sua comédia e do seu «bluff».

Um esquisso caracterológico do seu biotipo fará compreender isso aos leitores na devida altura; por agora tenho apenas de esclarecer ante o público a perfidiazinha típica do seu artigo, e mostrar-lhe que as suas habilidades habituais em nada o salvam da acusação de plagiador—antes, como vai vêr, mais o condemnaram.

Esclareçamos, em primeiro lugar, o caso das cartas. Na primeira digo que não tenho qualidades de vulgarizador; e o Sr. Sérgio comenta: «Ah, se A. S. nos dissesse isso em público, que maravilhoso exemplo nos teria dado! Que grande e nobilíssima lição a todos! Que acto digno, etc.!»

Pois disse-o, Sr. Sérgio, e aqui mesmo, no «Sol Nascente», numa das cartas a Casais Monteiro.

Quanto à famosa «ratoeira», a que se refere a 2.ª carta, não valia a pena ter feito o Sr. Sérgio tanto espalhafato, tanta «chantage», e tanta manobra com coisa tão simples e inocente: porque a ratoeira se resume em ter-lhe falado nela na carta: *à bon entendeur...*

A coisa é simples, como digo, e inocente. Sabendo o meio em que vivo, e com quem lido, tive o cuidado de não publicar jámais nenhum texto técnico, sem o ir buscar a fontes autorizadas.

Dáí resultou que o Sr. Sérgio, tendo encontrado logo nas primeiras páginas de Borel umas frases em que êste condena as vulgarizações de 3.ª ordem, logo o Sr. Sérgio, com a sua perfidiazinha habitual, e a sua má-fé bem conhecida, resolveu comprometer o meu esforço ante o público, lançando na disputa êsse veneno. E assim publicou uma nota em que concluía, apoiado na autoridade de Borel, que a minha vulgarização era de 3.ª, 4.ª ou 5.ª ordem (sic!).

Mas a ratoeira estava já armada, e o texto sobre Relatividade apontado ao público pelo Sr. Sérgio, como de 4.ª ou

5.ª ordem, e para o qual chamava a atenção dos iniciados—o texto em questão, era precisamente de Emílio Borel, e de um livro de vulgarização dêste autor. Por forma que temos assim Borel classificando, êle próprio, o seu texto de 4.ª ou 5.ª ordem, apesar de que a 4.ª e 5.ª ordens foram acrescentadas pelo Sr. Sérgio à 3.ª de Borel, para efeitos de polémica.

Como perfídia, é perfeito, Sr. Sérgio; mas o Sr. Sérgio caiu na ratoeira, e quanto mais dela tenta sair, mais nela se enterra:—como precisamente agora com a nova perfídia de publicar, sem consentimento meu, cartas particulares para fins e efeitos «especiais»...

E o seu tartufismo consiste precisamente em vir, a coberto dessa vileza, e explorando-lhe os «efeitos» jornalísticos e polémicos, armar nobre e chorosamente em vítima, ante o público aborrecido, que já nada desta porcaria pode entender...

//

«Trucs» análogos quanto aos plágios. Ora a êste respeito aviso o Sr. Sérgio de que quanto mais procura descalçar a bota, mais esta lhe há-de apertar os pés. Senão vejamos.

O «truc» de dizer que Carnap plagiou Russel, que plagiou De Morgan, que plagiou etc., é tolo e pueril; pois Carnap resume a lógica das relações dizendo bem claramente que ela data de De Morgan e Pierce; enquanto o Sr. Sérgio publica o mesmo resumo, pelas mesmas palavras, dizendo que são *ideas suas* (nas «Palavras a A. S.»), e não citando nem Carnap, nem Russel, nem ninguém. Ora o Sr. Sérgio deve saber que a ética e as praxes intellectuais nos ordenam expressamente fazê-lo.

Recorre ainda ao «truc» de dizer que o «folheto» de Carnap é de 1933:—o que é falso, pois tal opúsculo é uma tradução do artigo do *Erkenntnis* de 1929. Recorre também ao «truc» de dizer que já nas suas chinezices históricas fazia lógica das relações:—mas que tem isso de extraordinário se tal lógica tem 80 anos de existência?

De tudo isto se conclue, portanto, que o Sr. Sérgio, nos seus Ensaíos, faz constantemente uso de uma doutrina que diz claramente, expressamente, *ser sua*, e que no entanto tem 80 anos de existência! E o Sr. Sérgio que nos diz que tal doutrina é *sua*, diz-nos agora que tôda a gente a conhece... E' único! E não pode o Sr. Sérgio dar prova pública mais completa de ignorância basilar e de inconsciência, e ainda de incom-

petência para tratar a sério qualquer assunto.

Depois, que nos diz sobre o plágio de Brunschnig? Como explica que se tivesse apropriado e feito seus, a tese e os temas de Brunschnig, sem sequer o citar?

Não é com larachas como as que nos conta, para deitar poeira nos olhos do leitor, que o Sr. Sérgio se salva destas misérias.

//

Entremos, agora, no ridículo e no paradoxal. Diz-nos o Sr. Sérgio no seu artigo, em nota, pondo-se nas suas «tamanquinhas de oiro», que os seus artigos, chinezices e congeminações só podem ser compreendidas de um número restrito de eleitos...

...Ora, Sr. Sérgio...

Por exemplo: a teoria psicológica a que o Sr. Sérgio se refere no artigo, e que nos diz outorgada por sua excelência, não é nada do Sr. Sérgio; e o que o Sr. Sérgio escreve nos *Ensaíos sobre substância*, também não é igualmente do Sr. Sérgio.

Tudo isso, *mutatis mutandis*, tinha-o eu escrito num trabalho publicado em 1915, 20 anos antes do Sr. Sérgio. (Ensaio de Psicologia Filosófica, Porto, 1915.)

Daqui resulta logicamente que aquilo que eu escrevi em 1915, me é absolutamente inabordable em 1937, pois não pertence ao número de eleitos, para os quais, a este respeito, o Sr. Sérgio escreveu a coisa que eu escrevi em tal data.

Em pitorésca situação nos achamos, caro e transcendente Sr. Sérgio!

Mas há mais.

Do meu livro de 1915 nunca mais falei, por o considerar atrazado, incompleto e antiquado.

Portanto, logicamente, o Sr. Sérgio considera como altíssimas e raras transcendências, pérolas raras destinadas a eleitos, aquilo precisamente em que eu nem sequer falo, por achar inútil e antiquado!

Em mais pitorésca situação ainda agora nos encontramos, caro e transcendente Sr. Sérgio!

F a n t á s t i c o, estrambótico este Sr. Sérgio, que se encontra constantemente em coincidência de ideias, de doutrinas, de frases, de termos, com toda a gente, incluindo a da casa:—e que aos outros atira, como transcendências inabordáveis, as próprias coisas que esses outros, 20 anos antes dele, um dia escreveram!

//

Leitor: isto deu em pura comédia, triste comédia em que figura um actor inconsciente do seu próprio ridículo,

inconsciente das suas palhaçadas e das habilidades que faz em cena. O caso é especial, e só poderá ser esclarecido na devida altura, pelo seu retrato caracterológico. Porque o Sr. Sérgio, como tipo, é incurável, e já mais conseguirá chegar à consciência do seu biotipo, nem mesmo quando lho pusermos sob os olhos, como um espelho.

Por agora digamos mais o seguinte: o Sr. Sérgio *mente*: mente com uma facilidade, uma inconsciência, um socêgo, que o leitor talvez dificilmente acredite que tal seja possível: *mente* e eu poderia provar-lho se quizesse recorrer às armas de que ele se serve—isto é, à publicação de cartas particulares sem autorização do autor.

Mente aos amigos, mente ao público, mente na «Seara», mente, talvez, sem mesmo dar por isso.

Porém, mente, mente, mente, constantemente.

Quere o Sr. Sérgio que lho prove? Fica o caso entregue à sua decisão.

//

Quanto ao «Bluff» invoca o Sr. Sérgio os seus «admiradores». Ora, para o caso, nada tem que haja quem admire ou não o eminente sofista. O que importa é que esses «admiradores» neguem o seguinte:

1.º—E' ou não verdade que o Sr. Sérgio plagiou Léon Brunschnig?

2.º—E' ou não verdade que o Sr. Sérgio fez sua a teoria lógica das relações?

3.º—E' ou não verdade que um homem que diz «ter um saco com respostas para todas as objecções», e que é «estrambótico opôr-lhe um texto seja de quem fôr», e coisas análogas, é absolutamente inconsciente do que diz?

4.º—E' ou não verdade que um homem que fala com desprezo dos «folhetitos» das *Actualités* revela a sua ignorância, a sua incapacidade e a sua jactância?

5.º—E' ou não verdade que um homem que publica cartas particulares sem autorização do autor é falho de probidade?

6.º—E' ou não verdade que um homem que, para fins polémicos, deforma os textos do adversário, como *provarei*, a pontos de lhe *substituir palavras*, é um miserável?

7.º—E' ou não verdade que um homem que escreve meia coluna para nos demonstrar que é *Permeável ao Abstracto* é absolutamente grotésco?

8.º—E' ou não verdade que um homem que se põe «nas suas tamanquinhas de oiro» para dizer chochices é perfeitamente ridículo?

9.º—E' ou não verdade que o *Auto-Freio*, a *Mesura-Etica*, o *Democrata Centripeto* e *Centrifugo*, o *Eden Cooperativo*, e coisas análogas, fazem sorrir?

10.º—E' ou não verdade que o Sr. Sérgio, nas suas polémicas tudo torce, contorce, retorce, sofisma, embrulha, atrapalha, fazendo piruetas, desviando-se dos assuntos, ora gemebundo, plangente, ora pontificando, doutoral, aparecendo-nos agora solene como Alcácio, logo burlêsca como Arlequim, e a seguir Prud'homme, e depois Pachêco, e ainda Cristo-Laico, caturrando, caturrando, caturrando até ninguém se entender, não saber já o que discute nem o que se discute, e tudo se aborrecer?

11.º—E' ou não verdade que o Sr. Sérgio nos aparece cheio de Mesuras-Eticas, de solenes e nobilíssimos lugares-comuns, e logo a seguir se espeta nas mais desastradas das Desmesuras-E'ticas?

Que com todo este cenário de Mesuras-Eticas, publica cartas particulares sem autorização?

Que é, sucessivamente, todo doguras, todo Cristo-Laico, todo mesuras—e todo perfídia, veneno, insinuação?

12.º—E' ou não verdade que tudo isto é uma mistura de jactância, inconsciência, ignorância, incompetência, valdezinhãs, grotésco, falta de probidade e estéril caturrice?

E portanto, um «Bluff»?

Quanto aos admiradores estrangeiros do Sr. Sérgio—ora bolas! Como se eu não estivesse farto de saber como isso se faz e se fabrica, e o que significa! Bolas, Sr. Sérgio:—Leia o artigo do «Diabo», «Le Beau Climat», no fim...

Quanto, por fim, à figura que fez o Sr. Sérgio no estrangeiro, *on va rigoler*, quando chegar o momento...

//

Um esclarecimento. Já mais me referi ao Sr. Sérgio literato, crítico literário, musical, histórico, etc., pois não tendo lido essas produções, nenhum direito tenho de as julgar.

Tudo o que tenho dito se refere ao Sr. Sérgio «filosofista», sofista e erista, e isso me basta: porque o que me interessa agora é o Sr. Sérgio biotipo, e tipo caracterológico, como veremos. Já mesmo disse que o Sr. Sérgio é a primeira vítima do seu «Bluff», das suas comédias, do seu tartufismo.

Brito Camacho classificou-o de «pateta-inteligente», mas não é bem esse o caso, como veremos.

//

Agora a questão dos «folhetitos». Esses «folhetitos», que

o Sr. Sérgio classificou como «próprios para meninos de Liceu» são traduções de artigos magistrais do *Erkenntnis*, considerado hoje, em questões de filosofia, a primeira revista do mundo (M. Boll).

Esses «folhetitos»—e muito particularmente os de Carnap—têm sido analisados e resumidos nas mais cotadas revistas, como a *Scientia*, *Enseignement mathématique*, etc.

Esses «folhetitos» têm sido discutidos pelas mais altas figuras da ciência e filosofia europeias.

Esses «folhetitos» têm sido discutidos nos Congressos Internacionais de Filosofia, quer científica quer geral, como se pode verificar nas *Actas* publicadas nas *Actualités*.

Esses «folhetitos» têm o patrocínio intelectual de homens da categoria de Nils Bohr, em cuja própria casa se fez uma das reuniões dos «tais empirológicos», como desdenhosamente diz o eminente Sr. Sérgio.

Esses «folhetitos» são considerados e respeitados mesmo pelos seus mais acérrimos adversários que confessam «a sua poderosa originalidade e novidade de pontos de vista».

Esses «folhetitos» são sínteses condensadíssimas de livros tais como a «Logische Syntaxe der Sprache», que o Sr. Sérgio é absolutamente incapaz de entender, e a propósito do qual escreveu Chevalley: «le livre est de M. Carnap, l'un des plus éminents représentants de l'école néo-positiviste de Vienne...»; a este livro dedica Chevalley nos «Enseignements Mathématiques», T. 34, pag. 136, perto de 4 páginas compactas de análise, e nelas diz, terminando: «Enfim a 3.ª parte (sintaxe e filosofia) é preciosa para o filósofo: mostra que os sistemas filosóficos, na medida em que eles tomam uma forma senão dogmática, pelo menos intelectual, caem, a justo título, sob os golpes da crítica dos lógicos, crítica implacável mais do que qualquer outra, porque incidem apenas sobre a forma, e não sobre o que é afirmado. Uma tal crítica será, esperamos nós, fatal a essa forma de filosofia que parecia ter por ambição fugir da vida e do concreto, refugiando-se num intelectualismo mais ou menos puro; já abalada por um movimento como o bergsonista, que lhe pedia conta daquilo de que ela não falava, essa filosofia perde qualquer realidade em face de uma crítica lógica, que lhe vem pedir contas sobre a maneira como fala».

...Mas, dirá o Sr. Sérgio, eu falo apenas dos «folhetitos»...

Bem: eis o que diz na *Scien-*

(Continua na página treze)

Sedução — novela por José Marmelo e Silva. Edição Portugalia, Coimbra.

Num país como o nosso, em que todos querem ser poetas, em que não há livro de novo que não seja de clássicos **versinhos**, quando aparece um jovem que tenta a prosa e, nesse livro, se abalança a tratar assuntos de profundo humanismo, momentosos e desconfiantes, esse jovem mostra imediatamente, nessa atitude de compreensivo interesse pelos terríveis problemas da actualidade, que não é uma pessoa banal.

É o caso de José Marmelo e Silva. Em **Sedução**, que o autor apelida de novela mas que, em nosso entender, com mais propriedade poderíamos classificar de **algumas páginas de um diário**, está tratado um tema forte, sugestivo e ao mesmo tempo inquietante: a tragédia íntima de uma ra-

pariga deselegante e feia que viu passar o tempo da sua juventude sem que um único homem a requestasse e, após a passagem consecutiva dos anos—já tinham passado os trinta, viu esfumarem-se a pouco e pouco todas as esperanças que depositara no amor. E, instintivamente, germinou-lhe no peito um vago ódio ao homem, ódio ao macho que foi aumentando. E o seu irmão ia observando, com traicor e inquietação, como ella se metava nas amigas esse ódio—até por ele próprio!...

Sedução é, como já disse, um livro emocionante e humano. É pena que o autor, no final, numa atitude incompreensível, modificasse o ritmo que desde o princípio lhe imprimira e se tornasse retórico e quasi paradoxal.

Dá a impressão de que assustado com o que dissera antes, vem pedir desculpa ao leitor por o ter enganado: parecia mesmo mas afinal não era.

Pode bem dizer-se que José Marmelo e Silva é um nome de quem se pode esperar algo pois, com **Sedução**, se revelou possuidor de notáveis qualidades de escritor que lhe auguram, nas letras portuguesas, brilhante futuro ao lado de outros novos que ora aparecem dando as suas provas.

De José Marmelo e Silva, que publicou já um livro—ficamos esperando a confirmação das qualidades que em **Sedução** lhe notamos.

M. A.

LIVROS BRASILEIROS

No Extremo Oriente — O Japão — por Moreira Guimarães.

O Japão está na ordem do dia. As desavenças dele com a China ocupam a primeira página dos periódicos.

Não obedece, contudo, o presente livro a especulações editoriais: saído dos prelos em 1908, foi reeditado no ano passado quando o Extremo Oriente ainda não andava a ferro e fogo.

Escreto por um militar illustre—o sr. General Moreira Guimarães—que observou o império do Sol Nascente no período em que se preparou a guerra com a Rússia, e durante ella, o volume apresenta-nos deste povo admirável sobretudo as suas virtudes mi-

litares, até quando nos fala de outros aspectos da vida japonesa. Será isto falta de maleabilidade na visão do autor? Parece-nos que não, mas antes porque, observando, mesmo de longe como nós, o Japão moderno, o que nêle domina, por detrás do perene e enigmático sorriso, tam bem lembrado pelo autor, é realmente a alma militar. Falar do Japão, tal como da Alemanha, é falar da força.

Isto, parece-nos, devia trazer outro problema pouco tratado pelo sr. Moreira Guimarães, e é o de saber se o desenvolvimento desmedido da força militar não prejudica o desenvolvimento social do país; de resto, o aspecto social do Japão é o menos tratado neste livro, certamente porque em 1908 não sangrava o mundo tanto como hoje por causa dele: a fome e a miséria, se haviam já pegado em armas, não se tinham ainda feito sangrar no embate com a opulência. Se o livro fosse escrito hoje, a questão social constituiria talvez o capítulo mais interessante deste livro de observação de quasi todos os aspectos da vida japonesa.

Não é o autor, como Wenceslau de Moraes, um seduzido, mas um simpatizante desse Extremo Oriente cheio de energia transformadora e de encantos feiticeros. Povo de armas e de rosas, civilizado e bárbaro, em que tudo, virtudes e defeitos, se pode observar em grau elevado, é descrito pelo sr. General Moreira Guimarães, sobretudo pelo lado bom, optimista; páginas interessantes e demonstrativas do que pode a vontade de um povo cientificamente aproveitada e inteligentemente dirigida são as últimas em que nos aparece o abismo entre o Japão de ontem e de hoje, numa das transformações materiais mais rápidas que a história regista.

Dissemos transformações materiais, porque a impenetrável alma faz a ligação profunda entre essas duas épocas. Como na Rússia de Pedro o Grande, mudou o exterior das cidades e da vida e dos homens, mas a alma japonesa permanece a de ontem, pronta a aflorar ao primeiro embate das paixões da guerra, por exemplo: a civilização dos espiritos não se faz a correr, como se fez a transformação material.

Para ver as várias fases da vida deste povo, não faltaram ao autor, nem dotes para observar, nem para exprimir lhe faltam as palavras, e pena é que de vez em quando desfeiem as páginas frases equívocas como, por exemplo esta: «Havia, como seu empregado,

um inglês um pobre originário da aristocracia do Japão». Mas isto são defeitos que não impedem o agrado na leitura deste livro interessante e útil para o conhecimento daquele país misterioso para o nosso espírito ocidental, e que só bem raros têm conseguido penetrar um pouco.

RAUL DO REGO

Pela segunda vez, ao Sr. António Sérgio

(Continuação da página cinco)

tia, a respeito do «folhetito» de Carnap, Otto Cuzzer:

«Les limites d'un bref compte rendu ne permettent pas la discussion et la critique des idées expressées dans cet ouvrage...» para a compreensão das quais «une mentalité de logicien-théoricien particulière, différente de la logique scientifique, est nécessaire».

Terá enfim compreendido o Sr. Sérgio o que são os «folhetitos para alunos de liceus»? Suponho bem que ainda não...

Mas há mais e muito mais, sobre os desdenhados empiriológicos: bastará o Sr. Sérgio dar-se ao trabalho de ler o artigo da *Scientia*, W. CCCVIII, 1937, intitulado: «La nouvelle encyclopédie de l'empirisme scientifique», a propósito do *Unity of Science Movement*, isto para não sairmos do campo das Revistas gerais; porque se quiser consultar as especializadas, como o *Erkenntnis*, é bem possível que o Sr. Sérgio fique tontinho de todo...

Einstein julgado pelo Sr. Gago Coutinho; Carnap e a Escola de Viena julgados pelo Sr. Sérgio!

Caimos na pura Revista de Ano... Repitamos com Eça: «Faz falta aqui uma atmosfera intelectual onde a alma respire...»

Creia, Sr. Sérgio, que tudo isto é imensamente triste, e prodigiosamente ridículo... Tudo isto são resultados do «filosofismo fácil», que o Sr. Sérgio cultivava... É este o fundo da questão, e do «Bluff» Sérgio.

Não, Sr. Sérgio, sinceramente lho digo, não é possível tomá-lo a sério...

Transcrições

«Vamos Lêr!», revista brasileira, transcreve de «Sol Nascente», no seu último número chegado até nós: *Um dos grandes criadores da Pedagogia*, do nosso colaborador Cardoso Júnior.

«O Diário do Alentejo» transcreveu o nosso eco *Protecção à Infancia*.

Agradecemos.

ANTOLOGIA

(Continuação da página sete)

Dai resulta que o aniquilamento total de toda a substância do Universo existente só encheria o espaço com energia na proporção de $1,35 \times 10^{10}$ ergs por centímetro cúbico. Esta quantidade de energia chega apenas para elevar a temperatura do espaço, do zero absoluto a uma temperatura muito inferior à do ar líquido; só produziria um aumento, na temperatura da superfície terrestre, duns seis milavos de grau centígrado. A razão, pela qual é tão extraordinariamente débil o efeito de aniquillar todo um Universo, consiste, indubitavelmente, no facto de o espaço estar extraordinariamente vazio de matéria; procurar aquecer o espaço pelo aniquilamento de toda a matéria é o mesmo que procurar aquecer uma habitação queimando uma mota de pó aqui, outra acolá. Relativamente à quantidade de radiação que provavelmente pode ainda ser emitida do seu interior, a capacidade do espaço é a dum poço sem fundo. Com efeito, pelo que nos deixa ver a observação científica, é muito possível que a radiação de milhares de universos mortos possa ainda estar a propagar-se pelo espaço, sem que o suspeitemos.

Tal é o final das coisas a que, segundo a ciência actual deve inevitavelmente chegar o Universo material em época remota, a não ser que entretanto varie o curso da Natureza.